



TÍTULO: *Poe, Uma Vida Abreviada*

AUTORIA: *Peter Ackroyd*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência

Título original Poe, A Life Cut Short © 2008 Peter Ackroyd.

Publicado originalmente no Reino Unido por Vintage, 2009

TRADUÇÃO: *Alberto Simões*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Peres - Soctip*

1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2009*

ISBN: *978-989-637-163-0*

DEPÓSITO LEGAL: *300725/09*

Camões & Companhia é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Poe, Uma Vida Abreviada

Peter Ackroyd

Tradução de Alberto Simões

Índice

| | |
|-----|----------------------------------|
| 9 | Lista de Ilustrações |
| 11 | A Vítima |
| 16 | O Órfão |
| 25 | O Aluno |
| 40 | O Soldado |
| 54 | O Jornalista |
| 75 | O Editor |
| 91 | O Homem Que Nunca Sorria |
| 110 | A Ave |
| 128 | O Escândalo |
| 148 | As Mulheres |
| 160 | O Último Ano |
| 170 | As Principais Publicações de Poe |
| 171 | Bibliografia |

Lista de Ilustrações

Eliza Poe, a mãe de Poe (*The Valentine Richmond History Center, Virgínia*)

Fanny Allan, a mãe adotiva de Poe (*The Valentine Richmond History Center, Virgínia*)

John Allan, o pai adotivo de Poe (*The Valentine Richmond History Center, Virgínia*)

Manor House School em Stoke Newington

“Moldavia”, casa da família Allan, em Richmond, Virgínia

Elmira Royster aos quinze anos (*cortesia do Edgar Allan Poe Museum, Richmond, Virgínia*)

Elmira, a viúva Mrs. Shelton (*The Valentine Richmond History Center, Virgínia*)

Aquarela em miniatura de Poe (*The Huntington Library*)

Maria Clemm, tia e sogra de Poe (*Ingram-Poe, University of Virginia Richmond, Virgínia*)

Poe em meados de 1840 (*Imaging Department © President and Fellows of Harvard College*)

Imagem de rua em Baltimore (*Maryland Historical Society*)

Capa de *Burton's Gentleman's Magazine* (cortesia de *Fales Library, New York University*)

Ilustração para “O Escaravelho Dourado”
(*Maryland Historical Society*)

O Mercado de Filadélfia

Fanny Osgood (*New York Historical Society*)

Poe aos trinta e nove anos (*Brown University Library*)

Um dos primeiros barcos a vapor da rota
Nova Iorque–Albany (*Pennsylvania Historical Society*)

A fazenda em Fordham (*Bronx County Historical Society*)

Retrato de Virginia Poe, pintado imediatamente após a sua morte (*Art Collection, Harry Ransom Humanities Research Center, University of Texas, Austin*)

Annie Richmond (*University of Massachusetts, Lowell*)

Helen Whitman (*The Providence Athenaeum*)

Poe em 1848 (*The Library of Congress*)

1

A Vítima

NA NOITE DE 26 DE SETEMBRO de 1849, Edgar Allan Poe passou pelo consultório de um médico de Richmond, Virgínia – John Carter –, com o intuito de obter alívio para a febre que o andava atormentar. Depois, atravessou a rua e jantou numa estalagem local, tendo por engano levado a bengala do Dr. Carter consigo.

Poe estava prestes a embarcar no vapor para Baltimore. Esta seria a primeira paragem no caminho até Nova Iorque, onde o aguardava uma série de negócios a tratar. A partida do vapor estava marcada para as quatro horas da manhã seguinte, e a viagem teria uma duração de aproximadamente vinte e cinco horas. Poe surgiu alegre e sóbrio aos olhos dos amigos que o viram antes de partir. A sua ideia era estar fora de Richmond por não mais de duas semanas. Contudo, tinha-se esquecido de trazer a bagagem consigo. Esta foi a última aparição confirmável de Poe até ter sido encontrado moribundo numa taberna, seis dias mais tarde.

...

Poe chegou a Baltimore numa sexta-feira, a 28 de Setembro. Em lugar de rumar a Filadélfia, a paragem seguinte no caminho até Nova Iorque, deixou-se ficar nessa cidade. Existem indícios de que terá andado a beber durante esse período de tempo. É possível que o tenha feito para atenuar os efeitos da febre; é igualmente possível que temesse um ataque cardíaco precoce. Os médicos de Richmond tinham-no prevenido de que o seguinte seria fatal.

Poe terá provavelmente depois viajado até Filadélfia de comboio, onde visitou alguns amigos e se embriagou (ou adoeceu). Na manhã seguinte, e em estado de grande desorientação, Poe declarou que iria seguir viagem para Nova Iorque. Porém, por acidente ou de propósito, ele regressou a Baltimore. Os testemunhos obtidos, segundo os quais teria posteriormente tentado regressar uma vez mais a Filadélfia quando foi encontrado 'inconsciente' no comboio, são inconclusivos. O maquinista trouxe-o de volta a Baltimore. Entretanto a verdade perdeu-se. Tudo ficou envolto em névoa.

O seu primo Neilson Poe escreveu posteriormente a Maria Clemm, sogra e protectora oficiosa de Poe, dizendo-se 'incapaz de estabelecer a hora a que ele chegou à cidade [Baltimore], por onde andou enquanto aqui esteve, e em que circunstâncias'. Apesar das muitas pesquisas e da especulação, não foi possível clarificar nenhum destes pontos. Poe terá andado a vaguear pelas ruas, seguindo uma trajectória irregular de taberna em taberna. A única coisa que se pode dar por certa é que, no dia 3 de Outubro, o tipógrafo de um jornal enviou a seguinte mensagem a Joseph Evans Snodgrass: 'Está um senhor em muito mau estado no *Ryan's*, o 4.º círculo eleitoral, que responde pelo nome de Edgar A. Poe e que parece estar num estado de grande desorientação. Ele afirma que o senhor é seu conhecido e, posso garantir-lho, necessita de assistência imediata.' Snodgrass tinha sido editor do *Saturday Visiter*, para o qual Poe tinha anteriormente colaborado. O '*Ryan's*' era a taberna que servia como local eleitoral para

as eleições do Congresso que decorriam naquele dia; Ryan era o nome do proprietário da taberna.

A mensagem do tipógrafo terá sido séria o suficiente para fazer com que Snodgrass fosse de imediato ao seu encontro. Ao entrar no bar, deparou-se com Poe sentado e entorpecido no meio de um grande grupo de 'homens de copos'. A forma estranha como estava vestido chamou a atenção de Snodgrass: tinha um chapéu de palha estragado, um par de calças que não eram o seu número e um casaco em segunda mão; do colete e da gravata, nem sinal. Exceptuando possivelmente o chapéu de palha, aquelas não eram as mesmas roupas com que ele tinha saído de Richmond. Surpreendentemente, tinha ainda consigo a bengala do Dr. Carter. No seu estado inebriado e atormentado, talvez lhe parecesse um bom instrumento de defesa.

Snodgrass não se aproximou de Poe, mas alugou um quarto na taberna em seu nome. Quando estava prestes a contactar os seus familiares em Baltimore, dois deles apareceram no local. Um chamava-se Henry Herring, e era um primo de Poe que tinha vindo até à taberna para tratar de assuntos eleitorais. Herring estava associado com um político local. Snodgrass recorda que 'eles recusaram-se a tomar conta dele', com a justificação de que Poe se tinha comportado de forma abusiva outras vezes no passado quando em semelhante estado de embriaguez; em vez disso, sugeriram que ele fosse levado para o hospital local. Conseguiram enfiá-lo num coche, transportando-o 'como se se tratasse de um cadáver', e foi dessa forma que ele deu entrada no Washington College Hospital.

John Moran, o médico de serviço, explicaria posteriormente que Poe permaneceu 'inconsciente da sua condição' até às primeiras horas da manhã seguinte. O seu estupor foi então seguido por um 'tremor dos membros', acompanhado por um delírio e um 'falar constante – uma conversa desconexa com espectros e objectos imaginários nas paredes'. Só na sexta-feira, 5 de Outubro – dois dias após ter dado entrada no hospital – é que Poe recuperou a calma. Começou a falar, mas o que dizia não fazia sentido. Disse ao médico que tinha uma esposa em Richmond,

o que não correspondia à verdade, e que não sabia quando é que tinha deixado essa cidade. O médico tranquilizou-o então, assegurando-lhe que muito em breve estaria na companhia dos seus amigos, altura em que Poe se desfez num pranto de auto-recriminação pelo seu estado degradado, dizendo que a melhor coisa que qualquer amigo poderia fazer por ele era rebentar-lhe os miolos. Depois adormeceu.

Quando acordou, entrou novamente em delírio. Ao princípio da noite de sábado começou a chamar por ‘Reynolds’, tendo assim continuado até às três da manhã de domingo. ‘Debilitado pelo esforço’, escreveu o médico, ‘sossegou e pareceu repousar, mas por pouco tempo. Depois remexeu a cabeça, disse: “*Deus, ajuda a minha pobre alma*”, e morreu’. Este é o testemunho do Dr. Moran, enviado a Maria Clemm cinco semanas após os acontecimentos relatados. Apesar dos retoques realizados *a posteriori* pelo médico, esta é a informação existente que mais se aproxima da verdade.

O que terá Poe andado a fazer ao longo dos dias em que esteve incógnito em Baltimore? A teoria mais comumente aceite é a de que ele terá sido usado como ‘peão’ para propósitos eleitorais, isto é, vestido com as roupas de outra pessoa de maneira a poder votar mais de uma vez num certo candidato. Estes eleitores fraudulentos ficavam depois presos em ‘gaiolas’, ou estalagens, onde eram alimentados a álcool. Também ficou apurado que ‘Reynolds’, o nome que Poe repetiu insistentemente durante o seu delírio final, era o apelido de um dos oficiais de voto presentes na taberna de Ryan.

É uma explicação plausível, mas não a única. Tem sido igualmente sugerido que Poe teria consigo uma grande quantia de dinheiro resultante das assinaturas da *Stylus*, uma revista que ele andava a planear lançar, e que, em consequência disso, teria sido roubado. Existem igualmente muitas outras explicações para uma morte tão precoce, incluindo *delirium tremens* e tuberculose, uma ‘lesão no cérebro’ ou um tumor cerebral, e diabetes. Porém, o poço é demasiado profundo para que a verdade chegue um dia a ser recuperada.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira seguinte, a 8 de Outubro, tendo tido apenas quatro testemunhas; entre elas, encontrava-se Henry Herring e Neilson Poe. A cerimónia não terá durado mais de três ou quatro minutos. Tal como as suas narrativas e fábulas, a história pessoal de Poe termina abrupta e inconsequentemente, permanecendo envolvida por um mistério nunca desvendado, e sendo provável que jamais o venha a ser.

O Órfão

EDGAR ALLAN POE TORNOU-SE A IMAGEM do *poète maudit*, da alma danada, do errante. O seu destino foi funesto, e a sua vida quase insuportável. Uma série de infortúnios abateu-se sobre ele logo à nascença. Poe disse uma vez que ‘para revolucionar, de uma só vez, o mundo universal do pensamento humano’, bastaria apenas ‘escrever e publicar um livro extremamente pequeno. O seu título seria muito simples – apenas algumas palavras comuns – “O Meu Coração Aberto”. Porém – este livro tem de permanecer *fiel ao seu título*’. Poe nunca chegou a escrever esse livro, mas a sua vida tê-lo-ia certamente merecido.

A sua angústia – uma mistura de ansiedade insaciável e melancolia não menos desesperada – começou cedo. A mãe teria já contraído tuberculose antes do seu nascimento, e pode deduzir-se que terá havido alguma perda ou falta de nutrição ainda durante a gestação. Os perigos de um espaço confinado, nos quais a vítima jaz sufocada, desempenham um papel signifi-

cativo nas suas histórias. Os seus progenitores, David e Eliza Poe, trabalhavam ambos nessa altura debaixo de um pesado fardo de ansiedade exacerbada pela pobreza. A tensão circundante afectava a criança no ventre da mãe: foi assim que a vida assombrada de Poe começou ainda antes do seu nascimento. ‘Acredito realmente que Deus me deu uma centelha de génio’, disse ele apenas algumas semanas antes da sua morte, ‘mas sufocou-a na miséria’.

Poe nasceu num dia frio, a 19 de Janeiro de 1809, numa casa alugada em Boston. Uma tempestade encherá o Porto de Boston de pedaços de gelo. Poe modificou posteriormente o ano do seu nascimento quase por capricho, como se preferisse não observar o acontecimento de demasiado perto. Os seus pais eram ambos actores, do género de artistas itinerantes cujo estatuto era apenas ligeiramente superior ao dos vagabundos. É possível que o seu nome tenha sido inspirado pelo Sr. Edgar, o director do grupo teatral ao qual os Poe estavam ligados. Alguns dos seus contemporâneos afirmaram que, durante os seus últimos anos de vida, ele deu mostras de um ar teatral ou histriónico. ‘O mundo será o meu teatro’, escreveu ele um dia, ‘e eu hei-de conquistá-lo ou morrer’.

Existe um velho adágio teatral que diz que o espectáculo tem de continuar. Três semanas após o nascimento de Poe, um jornal de Boston escreveu o seguinte: ‘Felicitamos os frequentadores do teatro pela recuperação da Sra. Poe após o recente parto’. Ela desempenhava nessa altura o papel de Rosalinda numa peça chamada *Abaellino, O Grande Bandido*. Porém, a vida de ambulatória dos Poe teve um efeito imediato sobre o seu filho; pouco depois do seu nascimento, o bebé foi enviado para junto dos avós paternos, que viviam em Baltimore, no estado de Maryland, durante alguns meses. Foi a primeira das muitas rejeições padecidas por Edgar. Contudo, e talvez em consequência disso, Poe venerava a sua mãe, tendo chegado um dia a escrever num artigo de jornal que era ‘filho de uma actriz que me encheu perpetuamente de orgulho, e nenhum conde terá sido mais enobrecido pela sua condição aristocrática do que eu por descender de uma mulher que, apesar de bem-nascida, não hesitou em con-

sagrar à arte dramática a sua breve carreira, plena de génio e de beleza. Poe dava desta forma a melhor interpretação possível ao comportamento da sua mãe.

É óbvio que Eliza Poe não era bem-nascida de todo. Em 1796, abandonara a Inglaterra rumo à América na companhia da mãe, uma atriz de Covent Garden, em busca ou na esperança de melhores oportunidades para as artes dramáticas no novo país. Eliza tinha apenas nove anos de idade no momento da emigração, mas converter-se-ia numa *artiste* experiente num curto espaço de tempo. Três meses após a sua chegada aos Estados Unidos, já actuava em palco. Existe um retrato de Eliza nos seus anos de jovem adulta que deixa entrever uma mulher bela e frágil, de cabelos elegantemente encaracolados; a sua expressão é vivaz, apenas ligeiramente afectada pelos olhos algo protuberantes, e está com um vestido de estilo Império e um pequeno chapéu coquete. Eliza Poe foi provavelmente uma atriz competente e afável, uma vez que recebeu muitas aclamações nos jornais da época. Seria também versátil, desempenhando ocasionalmente três papéis num único serão. Ao longo da sua carreira relativamente curta, terá encarnado cerca de 201 papéis distintos. Um dos seus colegas de palco era o Sr. Lake Usher, cujo nome ficaria registado para a posteridade.

Em 1802, aos quinze anos de idade, Eliza casou com um colega actor, Charles Hopkins, o qual morreria três anos mais tarde. A 14 de Março de 1806, seis meses depois da morte do seu primeiro marido, a jovem atriz foi novamente desposada, por David Poe em Richmond, Virgínia, no que parecem ter sido umas circunstâncias algo apressadas. David Poe viu-se obrigado a pedir dinheiro emprestado para a ocasião. Ele estava destinado a uma carreira jurídica, mas ter-se-á desviado dela pelas suas ambições teatrais. No entanto, elas terão sido preenchidas apenas em parte, uma vez que os jornais da época dão a entender que ele não estaria à altura da sua bela e jovem esposa. Uma revista chegou mesmo a afirmar que 'ele nunca esteve destinado aos grandes palcos do drama'. Contando vinte e dois anos na altura

do casamento, o pai de Poe era três anos mais velho do que a sua esposa. No entanto, era já um jovem impetuoso, extravagante e demasiado dado à bebida. Alguns espectáculos foram cancelados em cima da hora por causa daquilo a que o director chamava uma 'súbita indisposição do Sr. Poe', um eufemismo para o seu estado de total embriaguez. A possibilidade de que a propensão para beber demasiado ou para o alcoolismo (o que não é a mesma coisa) possa ser hereditária é matéria de discussão. A única carta existente escrita pelo punho de David Poe é um pedido desesperado de dinheiro, com a garantia de que 'nada, a não ser o desespero extremo, me forçaria a escrever esta carta'. Trata-se precisamente do tipo de cartas que o seu filho se veria obrigado a escrever alguns anos mais tarde. Pode dizer-se que Poe se tornou um eco do seu pai, uma ligação tão estranha como as existentes nas suas próprias ficções.

Henry, o primeiro filho de Eliza e David Poe, nasceu em Janeiro de 1807. Dois anos depois do seu nascimento, foi entregue ao cuidado dos pais de David Poe, Elizabeth e o 'General' Poe. A vida errante dos Poe do teatro, percorrendo a Costa Este de lés a lés, de Nova Iorque a Boston, de Baltimore a Filadélfia e Richmond, acabaria por se revelar demasiado desgastante tanto para a mãe como para o filho.

O 'General' Poe não era de todo general, mas sim um antigo fabricante de rodas de tear; por altura da Guerra da Independência dos Estados Unidos, fora nomeado Auxiliar do General do Quartel-General da cidade de Baltimore, e acabaria por ser promovido ao grau de tenente-comandante. No entanto, foi um oficial empreendedor e bem sucedido, tendo chegado a receber posteriormente as comendas do Marquês de Lafayette. Terá sido igualmente bem sucedido no não menos desafiante papel de pai, uma vez que, na prática, adoptou Henry e tomou conta de Edgar durante os seus primeiros meses de vida.

No Verão de 1809, Eliza e David regressaram a Baltimore por causa do pequeno Edgar. Contudo, a reunião familiar não foi das mais felizes. O marido e a esposa estavam já ambos atingidos pela tísica, e essa sua condição tinha sido largamente agravada

pela pobreza e pela incerteza do seu estilo de vida. Em Dezembro de 1810, nasceu uma outra criança, Rosalie, ou 'Rosie', como ficaria conhecida, o que veio complicar ainda mais o escasso orçamento da jovem família. Existem provas de que as duas crianças mais novas terão sido deixadas ao cuidado de uma velha mulher galesa, que 'as alimentava livremente com gin e outras bebidas espirituosas, adicionando por vezes láudano' para que elas crescessem 'fortes e saudáveis'. Talvez o fizesse apenas com o intuito de mantê-las sossegadas.

Foi então que, no princípio da Primavera de 1811, David Poe desapareceu. Não mais regressaria para junto da mulher e da sua família. O *Norfolk Herald* de 26 de Julho noticiava que a Sra. Poe tinha sido 'abandonada... deixada sem amigos e desprotegida'.

Mais tarde, e de acordo com as declarações de um amigo, Edgar Poe 'fingia' não saber o que acontecera ao seu pai. Contudo, é provável que não houvesse qualquer fingimento nessa afirmação. As razões para o desaparecimento de David Poe são desconhecidas. Circularam rumores de uma briga com Eliza; além disso, os mexericos segundo os quais Rosalie não seria sua filha eram insistentes. Chegou até a ser sugerido que ele teria abandonado a sua família por volta de 1810, talvez ainda antes do nascimento de Rosalie.

Nessa mesma altura, Eliza entrava nos últimos estádios da sua doença tuberculosa. O pequeno Edgar ter-se-á apercebido claramente da perda do pai e do apagamento da mãe. É provável que não fosse ainda capaz de compreender estas coisas, mas durante os seus primeiros anos, Edgar esteve sempre inserido num ambiente de ameaça e fatalidade. A ansiedade foi uma companheira constante de toda a sua infância. Poe terá também acompanhado a degradação gradual da saúde da sua mãe através dos dolorosos ataques espasmódicos de tosse e efusão de sangue. Essas imagens nunca mais o abandonariam. A imagem de consumação da mulher amada foi ressuscitada por Poe em muitos dos seus contos.

Ao longo dos meses de Julho e Outubro de 1811, Eliza Poe ainda surgiu em palco num teatro de Richmond. Depois, em No-

vembro, caiu na cama para sempre. No princípio do mês, um cidadão de Richmond fez notar que ela estava 'doente' e 'desfigurada'. No final de Novembro, o *Richmond Enquirer* anunciou que 'arrastada para o leito da doença e rodeada pelas suas crianças, a Sra. Poe pede a vossa ajuda, e pede-a quiçá pela última vez'. Morreria nove dias mais tarde. As duas crianças mais pequenas foram levadas para um último vislumbre do cadáver macilento da mãe. Rosalie ficou com uma caixa de jóias vazia, um dos poucos objectos que restavam na posse da Sra. Poe, e a Edgar foi deixada uma miniatura do retrato da sua mãe com duas madeixas de cabelo dos seus pais fechadas numa mala. Nas costas da miniatura, ela tinha pintado uma vista do porto de Boston com o seguinte conselho para o filho: 'Ama Boston, a cidade onde nasceste'. Poe nunca seguiria esse preceito. Eliza foi enterrada no cemitério de St. John, tendo o filho e a filha assistido ao funeral.

Numa carta escrita cerca de vinte e cinco anos mais tarde, Poe disse o seguinte acerca da sua mãe: 'Eu nunca a conheci – tal como nunca conheci o afecto de um pai. Morreram ambos... com uma distância de algumas semanas entre os dois. Tenho muitos contactos ocasionais com a Adversidade, mas o desejo de um afecto parental tem sido a mais pesada das provações de toda a minha vida.' Parece improvável que o seu pai tenha morrido tão pouco tempo depois da mãe. Poe era perito no efeito dramático, mesmo quando se tratava dos seus assuntos mais pessoais. Mas a outra confissão pode perfeitamente ser genuína. É possível, e até plausível, que ele não se recordasse da sua mãe. Uma mágoa insuportável pode levar à amnésia. Esses seus primeiros anos terão certamente permanecido assaz nebulosos para ele.

Porém, eles foram entendidos por Poe noutro sentido. Difícilmente Edgar saberia o que a morte da sua mãe significaria naquele momento, mas à medida que os anos foram passando, a noção de dor e de perda tornou-se cada vez maior e mais opressiva. Havia qualquer coisa que faltava na sua vida. Algo que lhe era precioso tinha desaparecido. Poe foi um órfão perpétuo no mundo. Todas as marcas do seu trajecto e da sua escrita indiciam que ele estaria ligado por laços de fogo às primeiras experiên-

cias de abandono e solidão. A imagem dos mortos ou da mulher moribunda, jovem, bela e bondosa, preenchem as suas histórias. Podemos por esta altura lembrar as palavras de Exeter em *Henrique V*:

*E a imagem de minha mãe chegou a meus olhos,
E abandonou-me às lágrimas.*

E o que seria destas crianças desafortunadas, primeiro esquecidas pelo pai e depois involuntariamente abandonadas pela mãe? Instalada num colchão de palha de uma casa alugada, Eliza Poe recebeu durante os seus últimos dias a visita daquelas que nos jornais eram conhecidas como as ‘senhoras das mais respeitáveis famílias’, tendo sido reconfortada por elas. Entre essas senhoras encontrava-se a esposa de John Allan, um comerciante e empresário que tinha emigrado da Escócia para a terra das promessas financeiras. Frances Allan, ou ‘Fanny’, tinha-se afeiçoado ao pequeno Edgar. Contava vinte e cinco anos, não tinha filhos, e o contacto com o triste rapaz tinha despertado nela fortes sentimentos maternos. Frances convenceu o marido de que o pequeno Edgar precisava de um lar, ao mesmo tempo que Rosalie ficou entregue aos cuidados de outra família escocesa, os Mackenzie. Foi dessa forma que Edgar, uma criança pequena por aquela altura, foi levado para casa de uns estranhos na esquina da Thirteenth Street com a Main Street, por cima das instalações comerciais da casa *Ellis and Allan*. No baptismo celebrado a 7 de Janeiro de 1812, a criança recebeu o apelido dos seus segundos pais, tendo passado a chamar-se Edgar Allan Poe.

As descrições do rapaz durante os seus primeiros anos em casa dos Allan são-lhe inequivocamente favoráveis. Em Richmond, os vizinhos recordavam-no como ‘uma criatura pequenina e adorável, com caracóis escuros e olhos brilhantes, sempre vestido como um príncipe’; Poe distinguia-se nessa altura pela sua graça e inteligência, parecendo abençoado por um temperamento afectuoso, generoso, e fazendo-se notar pela sua personalidade

aberta e viva. Estas impressões parecem quase demasiado boas para serem verdade; o pequeno Lorde Fauntleroy, por exemplo, não chegava sequer aos seus pés. Edgar dançava em cima da mesa e recitava *The Lay of the Last Minstrel*¹ para grande deleite das companheiras de Fanny Allan e brindava ‘às senhoras’ com um copo de vinho doce e água. Fanny amestrava-o e vestia-o elegantemente, ao mesmo tempo que o marido se ia afeiçoando ao rapaz. John Allan tinha trinta e um anos quando Edgar entrou para a família. Era um homem de negócios, mas não era uma pessoa austera nem dura; pelo contrário, todos os indícios apontam no sentido de ter sido um homem sensível às delícias e aos prazeres da vida. Nesse momento, John tinha já duas crianças ilegítimas a viverem em Richmond, e terá também sentido alguma simpatia pelo jovem Poe, uma vez que ele próprio era também um órfão.

Outras figuras que viviam com a família Allan permanecem anónimas e equívocas; nelas se incluem os escravos que viviam em divisões partilhadas. Entre eles, encontrava-se a ‘mammy’², encarregada de tomar conta do pequeno Poe sempre que Fanny Allan precisava de se ausentar. Sabe-se que nessa ala viveria também um jovem escravo chamado Scipio, assim como um escravo mais velho chamado Thomas, mas havia seguramente mais. Ao longo da sua vida, Poe mostrou-se sempre um defensor da escravatura, na qual parece ter nutrido algumas memórias plenas de afecto. Terá também ficado a dever bastante à pequena comunidade negra, na medida em que foi esta que despertou a sua imaginação através de histórias de sepulturas e ossários.

Eliza Poe, a sua avó materna, descreveu-o como ‘o Filho da fortuna’ por ter sido acolhido por um casal tão simpático. Porém, é óbvio que um registo da *sua* perspectiva sobre o assunto é algo inexistente. Seja como for, Poe ter-se-á apercebido de que vivia

¹ Poema da autoria de Sir Walter Scott (1771-1832). (Nota do Tradutor)

² *Mammy* – corresponde neste caso provavelmente à imagem arquetípica da escrava robusta e de bom coração que se ocupava das crianças quando necessário. (N. do T.)

da caridade e da delicadeza de pessoas que não tinham qualquer vínculo real com ele; terá sido isso a transmitir-lhe uma sensação de incerteza, ou um instinto de defesa. Essa noção fez dele uma criança temerosa. Há uma história da sua infância que conta como Poe, depois de ter sido levado a passear por perto de uma cabana de troncos rodeada de sepulturas, terá desatado a chorar e a gritar: ‘Eles vão começar a correr atrás de nós e arrastar-me para debaixo da terra!’

3

O Aluno

NO FINAL DA PRIMAVERA DE 1815, John Allan decidiu rumar a Inglaterra e levar a família com ele. Os seus negócios em Richmond tinham sofrido alguns revezes, e o ambiente mercantilista de Londres ter-lhe-á parecido mais próspero. Allan ambicionava sobretudo renovar as relações comerciais com os importadores de tabaco da capital. Assim sendo, no final do mês de Junho, os Allan levantaram âncora a bordo do *Lothair* com destino a Liverpool, uma viagem que lhes levaria quase cinco semanas. O grupo era constituído por John Allan, Frances Allan, Anne Moore Valentine enquanto irmã e companheira de Frances, e o escravo negro conhecido apenas por Thomas. Levaram a totalidade das suas poucas posses com eles.

Poe estava pela primeira vez no oceano. Na lancha do comandante, enquanto se dirigiam para o mar, John Allan assinalou que ‘o pobre Ned [Edgar] não parecia muito entusiasmado com isso’. Porém, a visão das ondas e do horizonte ondulado fi-

cou impressa na imaginação do rapaz, que voltaria a essa imagem nos seus futuros textos. Quando aportaram do outro lado do Atlântico, Allan fez notar que o miúdo de seis anos pediu algo como: ‘Papá, quero que me digas uma coisa: diz-me que eu não tive medo de atravessar o Oceano.’ Isto sugere que Edgar terá passado a viagem a tentar esconder o seu medo.

Tendo chegado a Liverpool a 29 de Julho, a comitiva não viajou directamente para Londres. Em lugar disso, John Allan tinha decidido ir visitar os seus familiares na Escócia. Allan tinha irmãs em Irvine e Kilmarnock, assim como outros parentes em Greenock, de onde o grupo prosseguiria depois para Glasgow e Edimburgo. O périplo pela Escócia durou cerca de dois meses, e no princípio de Outubro, os Allan apanharam finalmente um coche com destino a Londres. Pouco depois de alugarem uma casa em Southampton Row, imediatamente a sul de Russell Square, todos adoeceram por causa do ar húmido e pesado de Londres. Existe um retrato da casa enviado por John Allan numa carta, no qual ele descreve ‘Edgar a ler um pequeno Livro de Histórias’. É possível que se trate do mesmo livro de histórias que Poe mencionou num ensaio alguns anos mais tarde, no qual sublinhou o ‘quão amorosamente recorreremos na nossa memória aos dias encantados da nossa infância, quando pela primeira vez ficámos apreensivos por causa de Robinson Crusoe!’.

Havia no entanto leituras mais exigentes a fazer. No princípio de Abril de 1816, Poe deu entrada num colégio interno em Sloane Street, dirigido por duas irmãs conhecidas como as ‘Meninas Dubourg’. Uma amostra do programa de estudos desta escola inclui temas como ‘Uma Cama Separada’, ‘Um Lugar na Igreja’, ‘Dicção de Mavor’ e ‘Geografia de Fresnoy’. O resto do programa não é conhecido, mas Poe teve bastante sucesso enquanto subordinado deste regime. Em Junho de 1818, John Allan revelou a um correspondente seu que ‘Edgar é um rapaz impecável, e lê latim muito bem’.

O seu progresso foi tal que, um mês depois, ‘Edgar Allan’ foi admitido noutra escola, tendo-se tornado aluno da Manor House School, em Stoke Newington, sob a direcção do Reve-

rendo John Bransby. A escola estava localizada no que era então uma vila de província, com uma igreja antiga e um certo número de belas moradias; Daniel Defoe vivera um dia na mesma rua onde se encontrava a escola. Aqui, Poe estudou Latim, entre outras matérias mais ortodoxas, e teve lições de dança. Posteriormente, Bransby descreveu o antigo aluno como ‘um rapaz rápido e sagaz, que teria sido um excelente indivíduo se os pais o não tivessem estragado; mas estragaram-no, dando-lhe somas extravagantes de dinheiro de bolso, o que lhe permitiu aceder a todo o tipo de desvios...’ Noutra ocasião, descreveu o rapaz como ‘inteligente, caprichoso, e obstinado’. Todas estas características voltariam a ser-lhe atribuídas ao longo da sua vida. Sem dúvida que era Fanny e não John quem mimava o rapaz; no entanto, o dinheiro de bolso seria ‘extravagante’ apenas segundo uma perspectiva inglesa, não americana.

Poe deixou registadas as suas próprias impressões da escola com um estilo intensificado em ‘William Wilson’, onde a descreve como um estabelecimento pesado e amplo, com inúmeros andares, salas e ‘um sem-fim de alas’. Poe foi sempre extremamente sensível à arquitectura, e esta estrutura ‘bizarra’ e ‘gótica’ deu-lhe muitos motivos para uma contemplação imaginativa. Lembra também a ‘atmosfera crepuscular’ daquela ‘vila envolta em neblina’, o que quer dizer que Stoke Newington terá inspirado as suas primeiras *rêveries*. Contudo, elas não terão sido necessariamente agradáveis. Mais tarde, Poe revelaria a um amigo que os seus dias de escola em Inglaterra tinham sido ‘tristes, solitários e infelizes’.

A sua infelicidade era totalmente partilhada por Frances Allan. Esta nunca se mostrou capaz de adaptar-se à vida de Londres, e em consequência disso, padeceu uma série de doenças de causas indefinidas ao longo dos cinco anos que aí passou. John Allan escreveu que ‘Frances andava queixosa, como de costume’, e mais tarde, que ela ‘andava a lamuriar-se bastante’; uma parente escreveu por sua vez que ela estava ‘muito fraca – e temo que se sinta demasiado fatigada para escrever’. Frances rumou a Cheltenham para experimentar as águas do lugar, mas nada parecia conseguir aliviar a sua angústia. Já o seu marido era de um

temperamento mais otimista. No Outono de 1818, John Allan escreveu que ‘Edgar está a crescer maravilhosamente e goza de uma reputação de alguém capaz e disponível para receber instrução’. Um ano mais tarde, assinala que Poe é ‘um excelente rapaz e um bom estudante’.

É pouco provável que o seu optimismo se estendesse aos seus negócios, uma vez que em 1819 ocorreu uma súbita queda dos preços do tabaco no mercado de Londres, deixando Allan perto da ruína. Com as dívidas a avolumarem-se cada vez mais, o pai adoptivo de Poe convenceu-se de que seria melhor abandonar a vida comercial e converter-se em agricultor. Foi dessa forma que John Allan decidiu começar os preparativos para deixar a Inglaterra e regressar ao seu país de adopção. A 16 de Junho de 1820, toda a família embarcava no *Martha*, em Liverpool; seis semanas mais tarde, aportaram em Nova Iorque, tendo posteriormente tomado o vapor para Richmond.

Richmond era nessa altura um lugar langoroso, sonolento e sedutor, com uma população de cerca de 10.000 almas. Tratava-se de uma cidade em grande parte industrializada, embora metade da sua população fosse constituída por escravos. O Sul dos Estados Unidos era por essa altura uma terra de servidão, com o torpor e a violência ocasionais inerentes a essa condição. A cidade estava assente em oito colinas verdejantes que davam para o rio James, com as casas alinhadas em redor das colinas; o rio servia como alívio para o que normalmente era considerado um clima bastante opressivo, perfazendo o seu caminho através de pequenas ilhas e sobre rochas fragmentadas. No pico do Verão – a altura em que Poe regressou –, a paisagem estava ornamentada com os pessegueiros e as magnólias em flor. Uma série de casas harmoniosamente concebidas e vistosas tinha sido disposta ao longo das principais ruas da cidade, com jardins espaçosos e adornados de rosas, árvores de tília, arbustos de mirtilo e madressilva. Havia uma Câmara, uma magnífica biblioteca pública, salas de assembleia e igrejas construídas em madeira pintada de branco. Porém, não muito longe de tudo isso, podiam encontrar-se os

alojamentos e cabanas em ruínas onde vivia grande parte da população negra.

As ruas estavam repletas de cabras, porcos e cavalos, e as vacas pastaram ainda na Praça do Capitólio até meados do século dezanove. Havia carruagens e coches, com os respectivos lacaios e cocheiros negros. As maiores fazendas eram bastante espaçosas, com varandas refrescantes e quartos a salvo da fúria do Sol pela acção dos cortinados de linho. Os homens sentavam-se em cadeiras de baloiço, fumando os seus charutos e mastigando a colheita local de tabaco. Do outro lado, ficavam as cabanas para os escravos, onde as crianças negras se acotovelam e brincavam no meio do pó. A existência de uma sensação de sujidade instalada no ar era incontornável, sendo suavizada apenas pelo recurso constante aos cocktails de xerez e aos *mint-juleps*³. A secagem do tabaco envenenava o ar.

A família Allan começou por se instalar na casa de Charles Ellis, o sócio de John Allan, e foi talvez por sugestão e instigação deste que ficou estabelecido que Allan permaneceria no seu posto comercial, de forma a conduzir o negócio rumo ao sucesso. No princípio do Outono, Poe foi enviado para a Richmond Academy, uma escola local em que o mestre se lembrava dele como um rapaz ‘desejoso de brilhar, e se bem que não excessivamente trabalhador, sempre capaz de defender-se na sala de aulas. O seu amor-próprio era assinalável, sem laivos de altivez’; o mestre descreveu-o ainda como alguém dotado de ‘um temperamento muito excitável’ com ‘uma grande dose de auto-estima’, o que equivale a dizer que, por vezes, Edgar era uma criança difícil e obstinada.

Foi também a partir dessa idade que Poe começou a escrever poesia. O seu professor descreveu-o como ‘um poeta nato’ que escrevia versos ‘*con amore*, e não como se estivesse a executar uma tarefa como qualquer outra’. John Allan partilhava da opinião do professor, tendo chegado a mostrar-lhe um manuscrito com os poemas do jovem Poe com vista a uma eventual

³ *Mint julep* – bebida típica do Sul dos Estados Unidos, feita à base de menta, *bourbon*, açúcar e água. (N. do T.)

publicação. É possível que essa ideia se tenha revelado pouco sensata, uma vez que poderá ter levado a uma adulação excessiva de um rapaz já sobreexcitado por natureza. A tomada de posição de Allan reforça no entanto a ideia de que ele levava as ambições literárias do seu filho adoptivo bastante a sério. Ao contrário daquilo que muitos biógrafos insinuam, Allan não era uma figura autoritária e distante.

Poe estudou os autores clássicos habituais – Ovídio, Virgílio e Cícero, entre outros. Porém, também se destacava em actividades menos escolásticas. Era um excelente nadador, e uma vez chegou a nadar seis milhas contra a corrente do rio James sob o olhar dos mestres e dos colegas. Era atlético, seco e forte; fazia boxe, e destacava-se em desportos de campo como a corrida. Tudo isto marca um contraste pronunciado com a debilidade e o estado de doença quase contínuo dos seus anos de adulto. Poe foi descrito como alguém ‘de muito dócil disposição... Sempre bem-disposto, cheio de alegria e um dos mais queridos entre os colegas de escola’. Venceu prémios de declamação, e brilhou ao declamar os poetas latinos e os dramas isabelinos.

Contudo, tal como acontece invariavelmente nos registos da vida de quem quer que seja, existem testemunhos dissonantes. Um colega de escola descreveu-o como ‘individualista, caprichoso, com tendência para mandar, e embora tendo alguns impulsos generosos, não era uma pessoa continuamente gentil, ou sequer amigável’. Foi assim que o jovem Poe foi alimentando um certo rancor relativamente ao mundo. Os seus colegas de escola tinham entretanto sabido, de uma forma ou de outra, que ele era o filho órfão de um casal de actores itinerantes e que tinha sido adoptado pela família Allan. Por causa disso, os outros rapazes ‘não aceitavam a sua liderança’. Essa rejeição encorajou uma ‘ferocidade’ nele sob a forma de orgulho, ou altivez, tendo-o por outro lado tornado sensível e vulnerável a qualquer insignificância. Essas eram características próprias também do Poe adulto. Outro contemporâneo recorda que o jovem Poe era ‘de feito retraído e de maneiras particularmente insociáveis’. As pessoas do seu entorno repararam, por exemplo, que ele nunca levava

nenhum dos seus colegas consigo para casa depois da escola. Ao deixar as instalações da escola, a partida marcava ‘o fim da sua sociabilidade’ por aquele dia.

O aluno Poe seguia então para longas e por vezes solitárias ‘vagabundagens’ através dos bosques sobre Richmond; planeava incursões às hortas locais e aos terrenos de nabos com os amigos; organizava reuniões sociais em torno de ‘fish-fries’⁴ nas margens do rio James. Um desses amigos declarou que ele o ensinou ‘a disparar, a nadar, a andar de patins, a jogar *bandy*, etc.’, sendo que *bandy* se tratava de um jogo muito semelhante ao hóquei no gelo. Poe tinha ainda outro interesse. Conjuntamente com dois ou três companheiros, inscreveu-se na Sociedade Dramática local, situada num espaço do bairro onde, por uma pequena quantia, deliciavam a audiência com peças, excertos ou declamações. Ao que parece, John Allan não aprovava essas suas actividades teatrais; elas constituiriam uma memória demasiado desconcertante dos falecidos progenitores de Poe.

Ao longo destes anos, Poe continuou também a escrever poesia, tendo declarado ter escrito alguns dos poemas publicados no seu primeiro livro aos catorze anos; apesar da sua tendência nata para o exagero, não existem quaisquer razões para duvidar dessa sua afirmação. Os primeiros versos que se lhe conhecem, escrevinhados numa folha do caderno dos cálculos financeiros de John Allan com uma letra bem desenhada, foram escritos quando Poe tinha apenas quinze anos:

*Ontem, cheio de cuidados e trabalhos opressores
Fatigado... Deixei cair o meu corpo no sofá para repousar.*

O tom melancólico da copla é interessante, tal como o facto de ter sido escrita numa das folhas das taxas de juro composto de Allan.

⁴ *Fish-fries* – refeição à base de peixe panado e batatas fritas, muito popular como pretexto para reuniões sociais e familiares em alguns estados dos Estados Unidos. (N. do T.)

O jovem Poe depressa encontrou um tema romântico para a sua melancolia. Robert Stanard, um dos seus colegas de escola, convidou-o um dia a acompanhá-lo até sua casa, onde terá conhecido Jane Stanard, a mãe de trinta anos de idade do seu colega, que ‘tomou a sua mão e dirigiu-lhe algumas palavras gentis e graciosas de boas-vindas’. Poe ficou loucamente apaixonado, e ‘regressou a casa como que num sonho’. Ela poderia ser a sua própria mãe ressuscitada.

Jane Stanard tem a distinção de ter sido a primeira jovem mulher maternal a quem Poe ficou devotado. Ele tinha a necessidade de sentir permanentemente a simpatia e a protecção femininas. É possível que essa carência derivasse da sua condição de órfão. Numa das suas notas de margem jornalísticas, Poe escreveu posteriormente que ‘o amor poético arrapazado é, dos sentimentos humanos, aquele que inegavelmente mais se aproxima de cumprir os nossos sonhos de voluptuosidade casta do céu.’

O prazer foi realmente casto. Poe possuía uma habilidade infalível para escolher mulheres frágeis, ou de alguma forma fragilizadas, revisitando assim a experiência do apagamento da sua própria mãe. Na Primavera de 1824, um ano depois de se terem conhecido, Jane Stanard morreu louca.

Poe visitou a sua sepultura no Shockhoe Hill Cemetery, e disse a uma admiradora que derramou lágrimas junto da terra recentemente escavada. Deambular por cemitérios converter-se-ia numa das actividades predilectas de Poe ao longo de toda a sua vida. A morte e a beleza estavam, na sua imaginação, inextricável e perpetuamente associadas. ‘Nunca mais’ era a sua frase favorita. As divisões secretas e as mansões em ruínas nas quais as suas ficções se instalaram de forma tão adequada devem ser interpretadas como as da mente ou da sepultura.

Poe tinha no entanto uma preocupação mais imediata com a morte. De acordo com uma revelação feita a um amigo chamado John Hamilton Mackenzie, ‘a coisa mais horrível que ele imaginava quando pequeno era sentir uma mão gelada pousada na sua face num quarto escuro como breu quando sozinho

à noite’. Essa não era a sua única fantasia; tinha também medo de acordar à noite e na penumbra distinguir uma cara maligna a olhá-lo fixamente de perto. Poe ganhou tanto medo aos seus horrores imaginários que passou a enfiar a cabeça debaixo dos lençóis quase até sufocar. Aparentemente, retirava algum prazer perverso ao assustar-se a si próprio, tal como quando assustava os outros. Mesmo já adulto, Poe admitiu não gostar do escuro. Talvez se possam encontrar aqui as origens da sua obsessão com a morte, ou com os estados próximos da morte. Antes do seu vigésimo aniversário, escreveu uma copla interessante:

*Não seria capaz de amar senão onde a Morte
Associava já a sua respiração à da Beleza.*

Muito em breve encontraria outro amor frustrado e difícil. Poe sempre se disse ‘devotado’ a Fanny Allan, embora esse carinho não excluísse a sua atracção por Jane Stanard. O amor e o conforto de uma só mulher não eram suficientes para ele. No ano da morte da Sra. Stanard, conheceu uma rapariga de quinze anos e afeiçãoou-se a ela. Elmira Royster vivia numa casa situada em frente à sua escola, de forma que as hipóteses de os dois se encontrarem por acaso eram imensas. Sob a supervisão dos pais da rapariga, encontravam-se no salão da casa dos Royster: ela tocava piano, e ele flauta. Poe desenhou um esboço dela que hoje sobrevive apenas através de uma cópia.

Elmira recordaria mais tarde como o jovem Poe a recriminava por causa da sua amizade com outra jovem que ele considerava ‘pouco senhoril’. ‘Ele era muito preconceituoso’, disse ela após a sua morte. ‘Odiava tudo o que fosse vulgar e desprovido de refinamento’. Ela descreveu os seus modos como grandiloquentes, assinalando também a sua ligeira timidez quando na companhia de estranhos. Poe estava já a desenvolver-se sob o modelo do cavalheiro do Sul, embora não de uma forma totalmente convencional. Elmira, ou ‘Myra’ como Poe costumava chamar-lhe, recordou que ele era ‘muito entusiástico e impulsivo’, mas que ‘a sua disposição geral era triste’.

Essa tristeza estava de certa forma relacionada com a infelicidade doméstica. Nem tudo ia bem no lar dos Allan. É possível que Frances Allan desse já mostras de alguns dos sintomas da tuberculose que a levaria para a sepultura cinco anos mais tarde. Contudo, havia problemas mais imediatos. Poe e John Allan tinham começado a desentender-se. É possível que Allan tenha lembrado o seu jovem enteado de que ele era na verdade objecto de caridade. Em Novembro de 1824, Allan escreveu a Henry, o irmão mais velho de Poe, dizendo que Edgar ‘não faz nada e parece bastante abatido, mal-humorado, e indisposto com toda a Família. O que foi que nós fizemos para provocar isso está para lá do meu entendimento...’ Allan acrescentou ainda que ‘Edgar não tem um pingo de afecto por nós, nem uma partícula de gratidão pelos cuidados e gentileza que tenho com ele’. Esta seria uma queixa reiterada relativamente a Poe ao longo dos anos. Ele parecia ter-se mostrado incapaz de parecer humilde ou agradecido a quem quer que fosse.

Na mesma carta, Allan refere-se à ‘tua pobre irmã, Rosalie’, que estava a viver com os Mackenzie em Richmond, argumentando que ‘ela é pelo menos tua meia-irmã e Deus nos livre, querido Henry, de infligir sobre os vivos os erros e fragilidades dos mortos’. O sentido de ‘meia-irmã’ é suficientemente claro. Allan partia do princípio que Rosalie tinha tido outro pai e que ela era, em consequência disso, ilegítima. Se Allan sugeriu este assunto a Henry Poe, tê-lo-á inquestionavelmente mencionado a Edgar. Para um rapaz que parece ter votado tamanha reverência à mãe, isso teria representado qualquer coisa de imperdoável. O ódio de Poe por tudo o que fosse ‘desprovido de refinamento’ tinha já sido notado. Haveria algo de mais vulgar do que acusar a sua própria mãe de ter tido uma criança com um homem que não era seu marido?

Como é que o desentendimento se terá agravado? Poe sabia dos filhos ilegítimos de Allan que viviam em Richmond, e é provável que tenha atribuído a saúde debilitada de Frances a essa causa. Se, nesse caso, ele censurava Allan pela sua descendência ilegítima, que resposta mais natural do que a própria mãe de Poe

ser culpada de semelhante pecado? Este parece ser o pretexto mais provável para um conflito cada vez mais amargo entre os dois. Poe fez ouvir em variadas ocasiões a sua ânsia de sair de casa dos Allan e fazer o seu próprio caminho no mundo. Terá até expressado aos Mackenzie, os pais adoptivos de Rosalie, o seu desejo de fugir para o mar.

Porém, Poe não fugiu para o mar. Em vez disso, entrou para a universidade.

Em 1826, com a idade de dezasseis anos, foi admitido na nova Universidade da Virgínia, em Charlottesville. A primeira pedra tinha sido lançada nove anos antes, mas o estabelecimento estava aberto há apenas um ano. Thomas Jefferson, o seu fundador e guia espiritual, tinha expressado o desejo de ‘desenvolver as faculdades de raciocínio da nossa juventude, o alargamento das suas mentes, o cultivo da sua moral’, ambições nas quais não foi totalmente bem sucedido. Poe ficou alojado no número treze da Ala Oeste dos novos edifícios, a oeste de um relvado central, num quarto apenas para ele. Acordado por um empregado às cinco e meia da manhã, as suas primeiras aulas começavam às sete na Escola de Línguas Antigas e Modernas. Poe revelou-se um aluno-modelo, apto à tradução do latim e do italiano. No final do ano, recebeu a classificação ‘Excelente’ nas disciplinas de Latim e de Francês. Numa carta escrita a John Allan, Poe revelou estar à espera de se sair bem nos exames semestrais ‘se eu não me amedrontar demasiado’, uma pista para a ansiedade nervosa que parece ter sido uma companheira constante. Tornou-se secretário do clube de debate, e continuou a destacar-se nos exercícios de corrida e de saltos.

Um colega dessa altura recorda ‘uma face triste, sempre melancólica, e mesmo o sorriso, porque na verdade não me recordo de o ouvir a rir com vontade, parecia ser forçado’. Ninguém o chegou a conhecer bem. Poe era demasiado defensivo, ou demasiado orgulhoso, para encorajar qualquer intimidade. De acordo com os colegas, ele ‘colocava-se também sob o efeito’ da bebida de maneira a ‘sossegar a excessiva excitação nervosa a que estava

sujeito'. A bebida em questão seria provavelmente o omnipresente 'pêssego [brandy] e mel', uma combinação deliciosa, embora letal. Esta é a primeira referência à sua fraqueza pelo álcool. É significativo que ela se tenha manifestado numa idade relativamente precoce. Poe nasceu bebedor, não se fez pelas circunstâncias.

Outro companheiro de faculdade recorda que 'a paixão de Poe pela bebida era tão notória e particular como a que nutria pelas cartas.' Poe adorava apostar. Quando ele e um funcionário local disputaram a compra de uma edição saída da tipografia de William Hogarth, Poe propôs-lhe que jogassem a posse do livro aos dados. Poe perdeu. Jogava interminavelmente às cartas, e era frequente perder grandes quantias de dinheiro. Nesses contextos, e de acordo com um contemporâneo, ele 'atirava-se com uma temeridade de natureza que não conhecia limites'. Esta 'temeridade' ficou também atestada mais tarde na sua vida, com os seus hábitos de bebida cada vez mais marcados e acompanhados ocasionalmente por um comportamento extremado. Ainda assim, durante a universidade, a sua atenção esteve igualmente votada aos seus estudos.

Seja como for, a sua vida universitária deve ser vista em perspectiva. Os jovens cavalheiros da Virgínia não obedeciam propriamente às instruções de Thomas Jefferson, pelo menos no que à cultura da moral diz respeito. As brigas de punhos cerrados eram frequentes, e a maioria dos estudantes possuía uma pistola que estava carregada e pronta a ser disparada. A cultura do Sul acolhia ainda docilmente as tradições do código dos duelos. Alguns dos estudantes vinham das famílias ricas das plantações, e chegavam acompanhados dos seus escravos. Outros chegavam com os cavalos ou os cães de caça. Nas povoações locais, existiam bares de alcoólicos e hábitos de jogo inveterados. Poe não era o único com as suas fraquezas. Porém, destacava-se pela forma como era incapaz de pagar por elas. Nessas alturas, apelava a Allan para lhe enviar algum dinheiro, mas este respondia-lhe sempre demasiado tarde e à míngua.

Allan era normalmente parcimonioso nas suas provisões destinadas ao jovem Poe. Numa carta, Poe calculou as despesas

da vida na universidade, incluindo a matrícula e os tutorados, em trezentos e cinquenta dólares por ano. Allan tinha-o enviado para Charlottesville com cento e dez dólares no bolso. Em virtude dessa condição precária, Poe inscreveu-se em apenas duas das três escolas nas quais se poderia ter inscrito, poupando assim quinze dólares. Allan enviar-lhe-ia posteriormente mais dinheiro, mas nunca o suficiente para lhe permitir pagar as suas contas. Essas somas eram seguramente insuficientes para cobrir as suas dívidas de jogo, e segundo as queixas de Poe, ele 'foi imediatamente olhado da mesma forma como se olha para um mendigo'. Não existia uma razão aparente para a falta de generosidade de Allan. Apenas um ano antes, tinha herdado uma extensa propriedade através do testamento de um familiar escocês que, tal como ele, emigrara para a América.

Não surpreende que Allan tivesse sentimentos contraditórios relativamente ao seu enteado. O próprio Poe caracterizou *a posteriori* o seu padrao a um amigo 'como um homem de temperamento grosseiro e brutal, embora fosse *indulgente com ele e por vezes profundamente pródigo em assuntos de dinheiro* – e noutras, sovina e parcimonioso'. Parece provável que Allan tenha começado a recriminar o jovem enteado de uma forma cada vez mais frequente. Edgar surgia-lhe já, tal como a tantos outros, arrogante e mal agradecido. Poe pode até ter partido do princípio de que a fortuna de Allan chegaria um dia às suas mãos, mas essa terá sido a mais arriscada de todas as suas presunções.

Quando Poe regressou a Richmond no final de 1826, Allan recusou-se a financiar-lhe outro período de estudos. Mau grado as cartas persistentes dos credores do jovem Poe, recusou igualmente continuar a pagar as suas dívidas, que perfaziam cerca de dois mil dólares. Poe tinha pensado passar dois anos na universidade; é certo que não adquiriria um grau no sentido moderno do termo, mas o facto de ter completado alguns cursos ficaria formalmente registado. Ele tinha um gosto imoderado pela leitura, mas qualquer perspectiva no mundo da aprendizagem estava

agora encerrada. Poe escreveu a Allan, numa carta subsequente, que ‘num momento de capricho, destruístes as minhas esperanças’. O seu regresso a casa foi amargo ainda noutra sentença: Poe descobriu que as cartas enviadas a Elmira Royster tinham sido desviadas pelo pai desta, e que ela estava prestes a casar-se com outro homem. As discussões entre Allan e Poe tornaram-se frequentes e ríspidas. Os últimos vestígios de amor entre padrasto e enteado tinham desaparecido.

Em meados do mês de Março de 1827, Poe abandonou a sua casa para sempre. Dirigiu-se para a *Courthouse Tavern*, de onde escreveu uma carta ao seu padrasto, na qual dizia: ‘Ouvi-te dizer (quando o disseste de forma leviana, eu estava a ouvir, portanto deves tê-lo dito honestamente) que não sentias qualquer afecto por mim.’ Poe acrescentou ainda que o seu protector o ‘censurava constantemente por comer do pão do Ócio’, protestando também contra o facto de estar sob ‘a mais completa autoridade dos pretos’, referindo-se aos escravos que tinham entretanto adoptado as maneiras e a postura do seu senhor. Pediu o baú onde estavam as suas roupas; estava determinado em viajar para norte, para uma das grandes cidades, onde poderia ganhar dinheiro suficiente para completar os seus estudos na universidade.

No entanto, numa carta escrita no dia seguinte, Poe confessou estar ‘a passar a maior das necessidades, sem tocar em comida desde a manhã de ontem. Não tenho onde dormir à noite, vagueio pelas ruas – estou praticamente esgotado...’ Este é o tom piedoso que ele adoptaria em muita da sua correspondência futura. Allan escreveu nas costas: ‘Bela carta.’

Quatro dias depois, Edgar Allan Poe encontrava-se num barco a vapor, a caminho de Boston. Estava de regresso à cidade que o tinha visto nascer. E como terá sido surpreendente, depois da languidez despreocupada de Richmond, dar consigo numa cidade que se orgulhava dos seus hábitos de vida simples e da sua moral elevada. Boston era uma cidade de tijolo vermelho e madeira branca. As suas principais fontes de prazer eram a igreja e a biblioteca. Não havia escravos. Os cidadãos de Boston levanta-

vam-se mais cedo e trabalhavam mais arduamente do que o povo de Richmond.

No entanto, não terá sido fácil para um estudante falhado e sem um cobre no bolso encontrar emprego em Boston. Existem provas de que Poe terá trabalhado num comércio geral, na zona junto ao rio, e que terá chegado a tentar a sua sorte no jornalismo de ocasião. A sua primeira tentativa de fazer o seu próprio caminho no mundo tinha fracassado. Sem dinheiro e envolto em desespero, decidiu alistar-se no Exército.

Allan escreveu a Rosalie, a irmã de Poe, que ‘Edgar partiu para o mar em busca da sua própria fortuna’, mas a verdade é que ele podia ser encontrado muito mais perto de casa. A 26 de Maio, Poe entrou em Castle Island, no porto de Boston, e, sob o nome de Edgar A. Perry (Perry era o nome que vinha antes do seu nos registos de entrada da universidade), alistou-se no Exército dos Estados Unidos para os cinco anos seguintes. Em vez de declarar os dezoito anos que tinha, Poe declarou ter vinte e dois. Os menores de idade eram igualmente aceites no Exército, pelo que não havia qualquer razão de ordem prática para ele mentir: Poe queria apenas desaparecer, aliviar-se do fardo da sua identidade. Fosse como fosse, mentir era algo que Poe fazia naturalmente.

O Soldado

NO SEU TODO, NÃO SE TRATOU de uma decisão surpreendente ou até mesmo inesperada. Poe fora anteriormente nomeado lugar-tenente dos Voluntários Juniores de Richmond, e mesmo já na universidade tinha escolhido tomar parte nos treinos práticos de um exercício militar. Os limites de uma ordem formal eram-lhe necessários, funcionando sem qualquer dúvida como contrapeso para a sua ‘imprudência’ profunda. Ele foi, portanto, deliberadamente, em busca de contenção. Para equilibrar as misérias e a melancolia da sua natureza profunda, era-lhe necessária uma disciplina externa.

Contudo, essa natureza expressar-se-ia de uma forma perseverante. Ao longo dos meses passados em Boston, Poe travou conhecimento com um tipógrafo de dezoito anos chamado Calvin Thomas, que lhe prometeu publicar uma seleção dos seus poemas. Foi dessa forma que, no Verão de 1827, cinquenta exemplares de *Tamerlane e Outros Poemas*, escritos por ‘um bos-

toniano’, saíram da tipografia de Thomas. Dessa súpula faziam parte os poemas que Poe tinha escrito nos últimos quatro ou cinco anos, incluindo o poema que dava o título ao livro e alguns outros de menor dimensão. Os poemas em causa dão mostras de um grande sentido de forma, ritmo e metro, são equilibrados de um modo harmonioso e têm uma disposição interna de profunda tristeza e introspecção. O próprio ‘Tamerlane’ é um canto monocórdico sobre as delícias e os perigos da ambição, estabelecido em dezassete estrofes melancólicas repletas de orgulho e ressentimento, de autocomiseração e desilusão. Num prefácio ao livro, Poe defende que ‘o fracasso não terá qualquer influência nele [Poe] relativamente à decisão que já foi tomada’; a resolução em causa não é senão a sua aspiração à grandeza poética. A tentativa de desarmar a crítica foi admiravelmente bem sucedida: não houve qualquer análise crítica ao seu trabalho, e apenas duas notas informativas da publicação de *Tamerlane*.

No momento em que o livro foi publicado, o jovem poeta estava totalmente absorvido pelo tirocínio em artilharia. Assim que se alistou, Poe foi destacado para o serviço numa unidade de artilharia estacionada no porto de Boston. Seis meses mais tarde, foi transferido para o Forte Moultrie, situado na Ilha de Sullivan, ao largo da Carolina do Sul; de lá, e depois de mais um ano, foi enviado para a Fortaleza Monroe, na ponta da península da Virgínia. Os seus hábitos neste contexto eram rígidos, com a alvorada a soar às cinco e meia da manhã, dando início a um dia que incluía o tirocínio de infantaria e exercícios com as armas. A sua conduta pessoal era nesta altura um modelo de disciplina militar. Poe trabalhou como assistente e administrativo da companhia no departamento do quartel-general, antes de ser promovido através dos vários graus não subalternos. Os seus superiores consideravam-no ‘exemplar na sua conduta’ e ‘altamente merecedor de confiança’. No princípio de 1829, foi nomeado sargento-maior do regimento na Fortaleza Monroe, o grau mais elevado ao qual ele poderia aspirar. Talvez seja estranho imaginar o autor de ‘O Corvo’ e de ‘A Queda da Casa de Usher’ de uniforme. No entanto, trata-se de uma faceta da sua vida e da

sua personalidade que não pode ser negligenciada. Da mesma forma que a sua natureza mórbida e apaixonada era passível de se exprimir em versos cuja forma era controlada de modo rígido, também se poderia exprimir nos termos de uma firme identidade militar.

Quando foi promovido a sargento-mor, porém, Poe estava já cansado da vida militar. Uma vez que não desejava continuar a servir durante os três anos e meio que lhe restavam para cumprir o serviço, Poe dirigiu-se ao comandante da unidade, o Tenente Howard, e pediu a este que o dispensasse de cumprir o tempo restante. É bastante provável que lhe tenha revelado também a sua verdadeira identidade, uma vez que Howard aquiesceu, na condição de que Poe – e não ‘Perry’ – se reconciliasse com John Allan. Howard escreveu então uma carta a Allan, apenas para receber uma resposta segundo a qual Poe ‘fazia melhor se permanecesse como está até ao final do seu serviço’. O facto de Poe estar no Exército só pode ter sido uma surpresa desagradável para Allan. Porém, não deu mostras de quaisquer remorsos ao afastá-lo activamente de casa. Foi dessa forma que, a 1 de Dezembro de 1828, Poe escreveu uma carta, declarando não ter conseguido ‘evitar de pensar que tu me adivinharias degradado e arruinado’ pelo serviço no Exército; ele garantia ainda que ‘em nenhum outro período da minha vida me contemplei com maior satisfação – nem o meu coração inchou de orgulho mais honrado’. Poe estava orgulhoso, entre outras coisas, da sua capacidade de autodisciplina, mas não queria continuar a desperdiçar ‘os melhores anos da minha vida’ em mais anos de serviço. Essa vida tinha apenas principiado. ‘Sinto dentro de mim aquilo que me fará cumprir os meus maiores desejos’, acrescentou, ‘... Hei-de conquistar ou morrer – vencer ou ser humilhado.’ No parágrafo final, envia o seu amor à ‘Mamã, expressando-lhe a esperança de que a sua ‘disposição convicta’ não a desapontasse.

Poe não recebeu qualquer resposta de Allan, pelo que voltou a escrever-lhe três semanas mais tarde num tom mais insistente, implorando: ‘Meu pai, não me afastes de vocês como um *degradado*... Se estiveres determinado em abandonar-me –

recebe as minhas despedidas – menosprezado, serei duas vezes mais ambicioso’. O tom ligeiramente histriónico coincide com muita da sua correspondência posterior. Allan permanecia silencioso. Um mês passou. Foi então que, no princípio de Fevereiro, Poe tentou outra aproximação, tendo pedido a Allan que o ajudasse a conseguir uma entrevista de candidatura a cadete em West Point, a academia onde são formados os oficiais do Exército norte-americano, o que lhe possibilitaria a realização de ‘uma carreira honrada e coroada de sucesso dentro do meu próprio país’. Não restam dúvidas de que as suas intenções relativamente a essa candidatura eram sérias. Finalizar um curso em West Point permitir-lhe-ia tornar-se oficial do Exército; isso equivaleria à obtenção da sua independência financeira, assim como de um importante estatuto social. Por outro lado, o seu alistamento enquanto soldado raso deixá-lo-ia, tal como ele o disse, ‘degradado e arruinado’.

A sua carta chegou a Richmond num momento extremamente infeliz. Frances Allan estava a morrer, e nas últimas fases daquilo que um jornal local descreveu como uma ‘arrastada e dolorosa’ doença, tinha pedido para ver o jovem Poe com o intuito de abraçá-lo e beijá-lo uma última vez, e apesar de ter morrido antes que ele pudesse chegar junto dela, deixou expresso o desejo de que o seu filho adoptivo tivesse a oportunidade de ver o seu corpo antes de ser enterrada.

No dia da morte de Frances Allan, ocorrida a meio de Fevereiro, Poe estava ainda na lista de mobilização do seu regimento. John Allan deixou-o permanecer no quartel até ao último momento.

Poe soube da morte de Frances no dia 1 de Março e partiu na carruagem da tarde de Norfolk para Richmond. Quando chegou no dia seguinte, Fanny tinha já sido enterrada. O seu padrasto comprou-lhe um fato de luto. Foi já vestido dessa forma que visitou a mais recente sepultura do cemitério de Shockhoe. Poe desmaiou no lugar, tendo sido levado de volta para a carruagem pelos escravos da família. ‘Nunca tive em conta o *teu* amor’, escreveu ele numa carta posterior a John Allan, quando

tudo parecia perdido, ‘mas acredito que ela me amava como um verdadeiro filho’. A segunda mãe de Poe acabava também de ser levada para longe dele, e essa dupla orfandade veio apenas aumentar o peso do seu sofrimento. Talvez seja importante realçar que o cemitério de Shockhoe era igualmente o local de descanso eterno de Jane Stanard, a jovem mãe do amigo de Poe a quem ele tinha dedicado a sua devoção.

A sua relação com John Allan entrou numa nova fase. Dir-se-ia que o seu protector tinha sido suavizado pela morte de Fanny, e que a presença de Poe deixara de lhe ser desagradável. Poe explicou-lhe os seus planos para ser aceite em West Point, tendo obtido o consentimento de Allan. A via para ser dispensado honradamente do resto do serviço militar estava agora aberta. Poe deixou Richmond uma semana depois, e ao regressar à Fortaleza Monroe, enviou uma carta a Allan encabeçada com um ‘Meu querido Papá’ em lugar do ‘Caro Senhor’ da correspondência anterior.

O processo de dispensa de Poe foi iniciado no final de Março. Tendo sido obrigado a encontrar um substituto para o seu serviço, Poe informou o coronel da guarnição de que ‘vinha de uma família de órfãos cujos desgraçados pais tinham sido vítimas de um fogo incontrolável no teatro de Richmond’, uma mentira flagrante concebida com o intuito de camuflar o que ele considerava serem umas origens algo duvidosas. Seja como for, a explicação foi aceite, e no mês seguinte Poe regressou a Richmond.

Contudo, o caminho até West Point não se afigurava nada fácil. Durante as primeiras semanas do seu regresso, Poe decidiu tentar obter o apoio de alguns políticos de maneira a reforçar a sua candidatura, entre os quais um major local que desempenhava as funções de representante do distrito no Congresso. Allan terá auxiliado materialmente Poe, mas a carta de referência escrita pela sua mão era curiosamente impessoal: ‘para ser honesto, Senhor’, escreveu ele ao Secretário da Guerra, ‘tenho que declarar que ele não tem qualquer relação comigo... embora eu requeira a sua gentileza no sentido de ajudar este jovem na realização dos seus futuros desejos’. Allan tinha no entanto um certo interesse

em despachar Poe para West Point; dessa forma, ele estaria fora de casa e, mais importante que tudo, deixaria de ser um fardo financeiro.

Poe entregou a sua candidatura formal a West Point em Maio, e com uma ajuda dada por Allan no valor de cinquenta dólares no bolso, viajou até Washington para apresentar pessoalmente as suas cartas de recomendação ao Secretário da Guerra. Uma vez aí, tomou conhecimento de que, embora houvesse já cerca de quarenta e sete candidatos na lista de entrevistas, ainda seria possível ser admitido em Setembro. Poe viajou então trinta milhas para norte, rumo a Baltimore. A sua intenção era encontrar Henry, o seu irmão mais velho, que vivia com o ‘General’ Poe e a restante família desde a infância; esta visita permitiria ainda a Poe conhecer os seus familiares da parte do seu pai. Agora que a sua segunda família se tinha fragmentado, ele sentia-se bastante contente por poder ser recebido por aqueles a quem poderia chamar a sua verdadeira família. Além disso, era também possível que algum colega de outrora do ‘General’ Poe pudesse contribuir para a sua entrada em West Point.

Baltimore era nessa altura a terceira maior cidade dos Estados Unidos, apesar de estar ainda no princípio da sua história. O caminho-de-ferro *Baltimore & Ohio* tinha acabado de ser construído. A zona ribeira do rio Patapsco estava cercada de armazéns. Baltimore estava em vias de se converter num centro portuário e de manufactura, uma cidade enérgica e séria de ruas largas e uma linha de horizonte memorável graças aos seus edifícios e igrejas. Dois anos antes, John Quincy Adams tinha-a apelidado de ‘A Cidade Monumento’. Os pioneiros da fotografia obtiveram imagens da movimentada zona do porto atrás da qual, ao longe, se podia distinguir a Basílica da Assunção, os campanários da Igreja Episcopal de São Paulo, a Igreja da Reforma Alemã e o Monumento a George Washington. Esta era também a primeira cidade com escravos para aqueles que viajavam para o Sul. Pelo menos nesse sentido, Poe ter-se-á sentido em casa.

Havia ainda outro objectivo na sua visita a Baltimore: publicar outro livro de poesia. Poe tinha o grande sonho de ob-

ter sucesso literário, e por cima dessa ambição, uma necessidade quase visceral de ser admirado pelos olhos do mundo. Ele desejava distinguir-se. Pouco depois da sua chegada, apanhou o vapor para Filadélfia e apresentou o seu manuscrito a um potencial editor – *Carey, Lea & Carey*. Mr. Lea pareceu interessado no jovem poeta volátil e sem qualquer dúvida volúvel, tendo-lhe prometido estudar o manuscrito cuidadosamente com vista à sua publicação. Poe regressou a Baltimore bastante confiante. Umhas semanas mais tarde, Lea enviou-lhe uma carta impessoal e bastante desencorajadora. Os poemas poderiam ser publicados se os editores obtivessem uma garantia contra eventuais perdas.

Poe quase não tinha dinheiro seu. Assim sendo, decidiu escrever a Allan, pedindo-lhe que providenciasse o apoio financeiro necessário para o seu livro. Esta ideia revelou-se surpreendente, e quiçá bastante disparatada. Era sabido que nada seria mais susceptível de despertar a ira de Allan. Ele pensava que Poe estaria encaminhado no sentido de fazer uma carreira militar plena de distinções – e agora aí estava novamente o rapaz, em busca de um destino inseguro e até repreensível. A poesia não alimentava ninguém na América do princípio do século XIX. Allan escreveu a resposta no final da carta de Poe, ‘censurando fortemente a sua conduta e recusando qualquer ajuda.’

Entretanto, Allan continuava a sustentar Poe segundo um princípio de mínimo de despesa possível. No Verão de 1829, enviou-lhe cinquenta dólares com os quais ele deveria viver os três meses seguintes, perfazendo um orçamento diário de cinquenta e três centimos. Poe decidiu mudar-se das casas de aluguer para os aposentos dos seus familiares, situados no bairro comercial, distante dos bairros mais ricos e requintados.

O ‘General’ Poe tinha morrido entretanto, mas a sua viúva era ainda viva; na pequena casa de Mechanics Row, em Milk Street, vivia também Maria Clemm, a tia de Poe, acompanhada da sua jovem filha chamada Virginia. Era também aqui que vivia Henry, o irmão de Poe. Não se tratava de uma família necessariamente feliz: a velha Sra. Poe estava paralisada, a Sra. Clemm também não aparentava grandes condições de saúde; Henry estava

a morrer de tuberculose, e segundo Poe, mostrava-se ‘totalmente entregue à bebida e incapaz de se ajudar a si mesmo, quanto mais a mim’. A pobreza em Mechanics Row era real, e Poe terá experimentado nessa casa uma vida bem distinta da que tinha tido no lar dos Allan, em Richmond. Ainda assim, a sua entrada para a família ficou marcada por uma mudança decisiva na sua vida. Poe tornou-se muito chegado a Maria Clemm, assim como à sua jovem filha. Nos anos que viriam, estas duas mulheres tornar-se-iam dois ímanes, o porto no qual ele encontraria refúgio das ondas agrestes do mundo.

As ambições poéticas de Poe tinham deixado o seu futuro incerto. Allan parecia agora pouco ou nada convencido da intenção do jovem de abraçar uma carreira militar, acusando-o de inconstância e prevaricação. O pai adoptivo de Poe mostrava-se também enfurecido pelos pedidos sucessivos de mais dinheiro com o pretexto de procurar um substituto para os seus deveres no Forte Monroe. Poe alegou que, aquando da sua estadia em Baltimore, um dos seus primos lhe teria roubado dinheiro dos bolsos. Allan ter-se-á convencido de que os pedidos constantes de Poe nunca terminariam. Numa carta desse período, Poe declarou que ‘teria regressado imediatamente a casa, não fossem as palavras na tua carta: “Não estou particularmente ansioso por te rever.”’

Na verdade, ele estava satisfeito por permanecer em Baltimore por uma razão em particular. Depois de recuperar o manuscrito dos seus poemas da *Carey, Lea & Carey*, Poe ofereceu-o à *Hatch and Dunning*, uma firma editorial sediada em Baltimore. *Al Aaraaf, Tamerlane e Outros Poemas Menores da autoria de Edgar A. Poe* foi publicado em Dezembro de 1829. Em certa medida, trata-se de uma revisão de *Tamerlane*, publicado dois anos antes. Porém, encontram-se nesse livro muitos poemas inéditos, entre os quais o próprio ‘Al Aaraaf’, que muito deve a Milton e aos Românticos. Os poemas publicados dão uma vez mais mostras do seu domínio da forma e do ritmo; as suas características mais evidentes são a combinação da intensidade com a indefinição, e o lirismo cristalizado na morbidez.

Havia uma pessoa em especial a quem ele desejava mostrar o seu valor. Poe escreveu ao seu padrasto a anunciar-lhe a publicação do livro, e o Sr. Dunning, um dos editores, comprometeu-se a apresentar uma cópia do livro a Allan em pessoa.

Pela primeira vez, Poe recebeu elogios pelos seus feitos. Ao receber alguns poemas antes da publicação, John Neal, o editor do *Yankee and Boston Literary Gazette*, escreveu que se ele 'tivesse que lhe fazer justiça, talvez escrevesse um belíssimo, e por que não, magnífico poema'. Poe mostrou-se sempre tremendamente sensível aos elogios, pelo que escreveu de imediato uma resposta a Neal na qual declarava que 'sou jovem – ainda não fiz vinte anos – sou poeta – se é que a veneração profunda de toda a beleza pode fazer de mim *um...*', e acrescentou que 'não tenho pai – nem mãe'. Esta insistência acerca do seu estatuto de órfão era apenas outra forma de ganhar simpatia e atenção.

É provável que Poe desejasse permanecer em Baltimore, mas a verdade é que se encontrava num estado de grande pobreza. A poesia não podia salvá-lo da destituição. Existe um registo da venda de um casaco de um dos escravos da Sra. Clemm em Dezembro de 1829, mas nos primeiros meses de 1830, Poe viu-se forçado a regressar a casa de Allan. Exceptuando Richmond, não tinha mais lado nenhum para onde ir. Uma vez aí, sentiu-se mais tolerado do que bem-vindo, com a noção clara de que partiria para West Point dentro de um espaço de tempo relativamente curto. O ambiente em casa não era dos mais agradáveis, e numa carta ao Sargento Graves, um dos seus credores, Poe confessou que tinha tentado 'fazer-lhe chegar o dinheiro através do Sr. A[llan] uma dúzia de vezes – mas ele enxota-me sempre'. Nessa carta, fez também notar que 'O Sr. A poucas vezes se encontra sóbrio', uma acusação que posteriormente acabaria por se virar contra ele.

Poe deixou Richmond em meados do mês de Maio de 1830. Numa carta subsequente, disse a Allan que 'quando me separei de ti – no barco a vapor, soube que nunca mais voltaria a ver-te'. Poe passou perto de um dia em Baltimore, tendo depois prosse-

guido para West Point. Construída num planalto verde e situada 60 metros acima do rio Hudson, Estado de Nova Iorque, a Academia Militar dos Estados Unidos tinha sido aberta em 1804 com o intuito de formar oficiais. Charles Dickens descreveu-a nas suas *Notas Americanas* como um 'lugar magnífico: o mais belo entre os belos e amorosos lugares montanhosos junto ao rio: rodeado de cumes verdes e fortes abandonados, olhando altivamente a longínqua cidade de Newburgh, ao longo de um caminho resplandecente de água iluminada pela luz do Sol, uma embarcação aqui e acolá...'

Poe ficou alojado com três outros cadetes no número 28 das Camaratas Sul, e foi-lhe atribuído um ordenado de dezasseis dólares mensais. O jovem poeta usava um uniforme composto por uma capa azul e um casaco de fecho simples; o seu boné estava adornado com um penacho; por fim, a espada era usada num cinto por baixo do casaco. A alvorada soava ao nascer do Sol, e ao pequeno-almoço seguiam-se as aulas; depois, às quatro horas da tarde, tinha lugar uma série de exercícios e triagens, antes do jantar ser servido aos cadetes numa messe de dimensões consideráveis e de estes serem enviados de volta aos seus aposentos para mais algumas horas de estudo. As luzes eram apagadas às nove e meia, pelo que não restava muito tempo livre.

Os testemunhos obtidos dos colegas acerca de Poe são contraditórios. Um cadete recorda-o como 'um rapaz negligente e distraído, bastante excêntrico, com queda para o deboche, e claro, mais disponível para escrever versos do que para resolver equações'. Isto não parece ser totalmente verdade. Poe jamais foi 'negligente' em termos de vestuário ou de comportamento. Outro cadete descreveu-o de forma mais plausível como 'tímido, orgulhoso, sensível, e insociável com os outros cadetes. Passava mais tempo a ler do que a estudar...'. Ainda assim, as suas horas de estudo, por poucas que fossem, eram suficientes. Poe sempre foi rápido a aprender. Frequentou as aulas de Francês e Matemática, e no exame geral do ano seguinte, ficou em décimo sétimo em Matemática e em terceiro em Francês. Tampouco é credível que ele fosse totalmente fechado, uma vez que os cadetes apren-

deram com ele alguns dos detalhes mais interessantes da sua vida anterior. Poe contou-lhes que tinha feito o liceu em Inglaterra, que tinha sido membro da tripulação de um baleeiro, que tinha visitado a América do Sul, assim como o Leste. Era um fabulador congénito, e a sua tendência para a mentira sugere uma insegurança e um orgulho em medidas equivalentes.

A descrição mais completa dele terá vindo do cadete Gibson, um dos seus colegas de camarata, que se lembrava do seu 'ar gasto e cansado, um ar que aqueles que conviveram mais intimamente com ele não esqueceriam facilmente. Poe irritava-se com facilidade com qualquer piada feita às suas custas... Ganhou desde muito cedo uma grande reputação pelo seu génio em West Point, e os poemas e as tiradas de interesse local eram diariamente distribuídas a partir do número 28...' Gibson acrescentou também que 'nunca o ouvi falar em termos elogiosos de qualquer escritor inglês, vivo ou morto.' Em certas ocasiões, Poe chegou a acusar os seus contemporâneos de plágio ou, pior ainda, de uma gramática pobre. O tom jocoso que usava para falar daqueles que poderiam rivalizar consigo seria usado ao longo de toda a sua vida. Poe tinha ainda a reputação de fazer muitos 'truques' e partidas, outro hábito do qual jamais seria capaz de se dissociar em etapas mais tardias da sua vida. Estas piadas tendiam normalmente para o género fantasmagórico ou mórbido. Numa ocasião, terá resolvido insistir que o cadáver de um ganso estrangulado se tratava na realidade da cabeça cortada de um professor menos popular. Gostava de assustar os seus companheiros; também neste aspecto, nunca mudaria.

Não foi preciso muito tempo para que Poe se cansasse da vida de West Point. Um seu contemporâneo afirma que 'no espaço de umas semanas, pareceu ter perdido o interesse nos estudos, mostrando-se desmotivado e desencorajado'. Não era esta a vida que ele tinha imaginado para si. Além disso, encontrava-se novamente endividado. Assim sendo, decidiu desistir do curso. Infelizmente, esse desiderato não podia ser realizado sem a autorização de um pai ou de um tutor. Poe escreveu a John Allan a pedir o seu consentimento, e viu o seu desejo 'totalmente recu-

sado'. Para Allan, estava bem claro que Poe se tinha novamente virado para um estilo de vida caprichoso e obstinado.

No entanto, tinha acontecido algo na casa dos Allan que fazia com que a figura de Poe surgisse de forma ainda menos simpática do que antes. John tinha casado novamente, e diante de si, tinha a perspectiva de obter uma descendência legítima. Por que razão deveria ele continuar a sustentar aquela ovelha negra? Os rumores que terão eventualmente chegado aos ouvidos de Allan vieram apenas reforçar a sua impressão de que Poe era não só malicioso como também desonesto; ele tinha descrito o seu pai adoptivo ao Sargento Graves como um homem 'poucas vezes sóbrio'.

Numa carta entretanto perdida, Allan solicitou a Poe que não o incomodasse com qualquer 'comunicação futura'. Na sua resposta, Poe voltou a colocar em prática a sua litania de lamúrias dirigidas ao seu protector de outrora, e justificou o seu comportamento passado na Universidade da Virgínia na base de que 'a culpa de não ter ninguém na Terra que se preocupasse comigo, ou me amasse, foi minha'. Poe parece ter-se momentaneamente esquecido de Fanny Allan, mas o tom de angústia e de autocomiseração nunca esteve demasiado afastado da superfície. Acrescentou ainda que 'a minha vida futura (que, graças a Deus, não será demasiado longa) será passada na indigência e na doença. Não me resta mais energia, nem saúde'. Esta é a primeira indicação de que a força e a saúde manifestadas durante os seus anos de juventude o tinham entretanto abandonado para sempre, e é possível que exista uma relação com outra observação de Gibson, o seu companheiro de camarata: 'Não me parece que ele se tenha alguma vez embriagado na Academia, mas é certo que tinha já adquirido um hábito perigoso de beber constantemente'. Ainda assim, Poe estava determinado: na ausência de uma autorização expressa da parte do seu tutor, obteria a sua dispensa através de outros meios. Poe avisou Allan: 'Vou negligenciar os meus estudos e deveres para com a instituição'. Nas costas desta folha, Allan escreveu: 'Não me parece que o Rapaz tenha uma boa qualidade que seja... Não acredito numa palavra escrita por ele.'

O facto de Poe beber tem sido frequentemente invocado como a causa de todos os seus infortúnios. Não existe qualquer dúvida de que ele bebia de forma habitual e de que bebia em excesso; porém, a teoria segundo a qual se embriagava com apenas um copo não resiste a uma análise mais séria. Poe bebia habitualmente ‘apenas um copo’ e não ficava bêbedo. Por outro lado, existem muitos testemunhos que afirmam que ele bebia ao longo da tarde, da noite, ou até mesmo da semana. Além disso, é certo que ele se colocava num estado de forte embriaguez, com a necessidade de ser ajudado ou assistido em casa. A polícia foi várias vezes chamada a intervir. Poe não bebia pelo prazer de beber – existem descrições dele a beber um copo de vinho ou de uma bebida espirituosa de um só trago, como se se encontrasse num estado de dependência relativamente a uma necessidade inquebrantável. Quando começava, tinha dificuldade em parar. Tal como um amigo resumiu: ‘quando ele bebia um copo de vinho leve ou cerveja, o Rubicão do álcool estava atravessado, e tudo acabava quase sempre em excesso e vômito.’ Beber resgatava-o dos medos do futuro; beber permitia-lhe esquecer a sua pobreza e a sensação de falhanço; beber equilibrava o seu temperamento nervoso e transmitia-lhe confiança. É possível que, ao beber, ele recuperasse parte do estado de graça da infância, libertando-se dos constrangimentos e das dificuldades próprias do mundo. Contudo, quando se embebedava, tornava-se agressivo, peremptório e feroz. Uma vez que tanto o seu pai como o seu irmão eram bebedores compulsivos, é possível que existisse nele uma predisposição ou tendência herdada. Porém, Poe não era alcoólico. Ele podia abster-se de beber durante longos períodos sem quaisquer efeitos negativos. No entanto, não resta qualquer dúvida de que as suas bebedeiras frequentes terão prejudicado gravemente o seu estado físico, assim como a sua saúde mental. A partir de West Point, Poe nunca mais se encontraria num estado totalmente saudável.

O seu plano para abandonar a academia através do incumprimento dos deveres foi admiravelmente bem sucedido. A partir do princípio de 1831, faltou a vários exercícios militares

e recusou-se a assistir aos serviços religiosos obrigatórios. Poe deixou também de aparecer nas paradas e nos serviços de sentinela. No final de Janeiro, foi levado a tribunal marcial, onde o acusaram de ‘negligência grosseira do dever’ e ‘desobediência às ordens’. Declarou-se culpado de todas as acusações, e foi julgado nessa condição. Edgar Allan Poe foi dispensado do serviço no Exército dos Estados Unidos, e, a 19 de Fevereiro, tomou lugar a bordo do vapor com destino a Nova Iorque. Revelaria posteriormente a Allan que tinha embarcado ‘sem capa’ para se proteger do tempo invernal. Isso não corresponde exactamente à verdade; Poe guardou o seu sobretudo de cadete consigo durante o resto da sua vida.